

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

SZAZADOK. Ano 98, n. 1-2. Budapeste, Akadémiai Kiadó, 1964 (1).

Nossa falta de informação a respeito do estágio dos estudos historiográficos na Europa centro-oriental faz com que a oportunidade de contactos fortuitos leve à formulação de esquemas rudimentares e pouco convincentes. As dificuldades lingüísticas, o reduzido contacto intelectual decorrente de fatores de ordem política e, porque não, econômica, transformam, ou melhor, reduzem o complexo cultural dos Estados situados naquela região numa fusão de mitos e curiosidades. Um ou outro filme polonês, uma ou outra obra literária húngara ou checa formam o balanço geral dessas relações. Daí o interesse em apresentar uma revista que, com seus 98 anos de "idade" é o órgão oficial dos membros duma das associações historiográficas de maior tradição na Hungria (2).

O que imediatamente salta à vista é a atualização, no tocante aos estudos históricos, que revelam várias de suas secções. Ausência de isolacionismo, algum dogmatismo. Há posições em choque mas sempre dentro dum quadro geral, pois que a diretriz geral é a análise marxista. As variações, porém, não são limitadas. O tom crítico é constante.

Na resenha das Revistas encontramos as mais importantes publicações húngaras (em número de dezenove), francesas, soviéticas, romenas, norte-americanas, polonesas, inglesas. E' bem verdade, e faz pena, que publicação latino-americana alguma se faça presente. O mesmo em relação às asiáticas e africanas. De qualquer forma, o que é realmente representativo do pensamento historiográfico do "Ocidente" e do "Oriente", em termos e posições os mais recentes, encontra reflexos no **Századok**.

A resenha de livros apresenta a mesma variedade que a de revistas, mas o espírito é diverso. A tradicional resenha expositiva é substituída pela resenha crítica mormente sendo objeto de resenha obra não marxista. Esse aspecto se torna nítido nas observações de Mérei relativas ao trabalho de **Bodenstein: Neige des Historismus. Ernst Troeltschs Entwicklungsgang** (pg. 253 seg.). O caráter dos reflexos é nitidamente crítico e pode a resenha ser tomada como documento para o estudo do choque historicismo-historiografia marxista. Quando Mérei afirma que

"no nosso tempo o defensor ativo da ordem burguesa não se pode permitir o duvidar da ordem estabelecida pois, quer queira quer não, com isso passa a fortalecer a critica de origem bem diversa das forças revolucionárias",

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (Nota da Redação).

(1). — A tradução do título é Séculos.

(2). — A revista é publicação da Sociedade Histórica Húngara (**Magyar Történelmi Társulat**) de Budapeste.

podemos bem sentir o espírito lukacsiano e a dinâmica **ação-obração** em todo seu vigor.

Esse nível de análise crítica é substituído por uma apresentação crítica formal ao ser apresentada uma publicação crítica de documentos. A obra editada por **Jenkins (Constantine Porphyrogenitus: de Administrando Império. Vol. II — University of London. The Athlone Press. 1962)** em colaboração com renomados historiadores, tais como Runciman e Lewis, é comentada em detalhes por Györffy (pg. 248 seg.), o qual, após apontar alguns erros, ressalta o caráter valioso da obra (o que parece ser o epílogo obrigatório de qualquer apresentação crítica formal).

A parte da revista que mais se presta à construção dum esquema acêrca da marcha dos estudos historiográficos na Hungria, é composta por três artigos e cinco comunicações. Dentre os artigos o primeiro é de autoria de **R. Prazák: Os intelectuais húngaros reformados na Boêmia e Morávia nos princípios do ressurgimento nacional dos checos** (3). Partindo de um dado geral, qual seja o apóio do catolicismo e das Igrejas Reformadas ao regime estabelecido (fim do século XVIII — início do século XIX), tenta o autor demonstrar o mecanismo da passagem de pastores protestantes de origem popular, de uma condição de porta-vozes da ordem estabelecida, a uma outra de representantes das aspirações anti-feudais. Paralelamente, como que enredado na análise do processo tomado por centro da pesquisa, desenvolve uma outra idéia de grande interesse e riqueza — de como as relações supranacionais entre checos, húngaros e alemães protestantes e o caráter supranacional da formação da **intelligentsia** checa resulta na formação dum ideal nacionalista checo. A documentação é vasta e as citações numerosas e de conformidade com o texto, mas quer nos parecer que o plano do trabalho é ambicioso demais para o resultado alcançado. A riqueza do tema pode permitir um aprofundamento maior no tratamento dos antagonismos sociais decorrentes de situações de classe reconhecidas pelo autor, ou mesmo os reflexos da política européia no aguçar destas crises surgidas. O próprio autor diz que

“A radicalização dos pastores protestantes húngaros na Boêmia concorreu aquela terrível miséria que reinava nas aldeias checas durante as guerras contra a França revolucionária e napoleônica”.

Se bem que o tema do artigo seja circunscrito, não se justifica o abandono duma idéia tão rica, cuja exploração as notas (59 e 60, ao menos, à página 24) quase que exigem.

O segundo artigo abarca o período dentre guerras na Hungria, e leva o título de **A Queda do Regime Governamental de Bethlen** (4). Este trabalho de **László Márkus** apresenta um aspecto comum à historiografia marxista: o fascínio do modelo. Se bem este n.º 1-2 de 1964

(3). — **A Református Magyar Értelmiség Cseh és Morvaországban a Cseh Nemzeti Megújhdás Kezdetén** (págs. 3 e seg.).

(4). — **A Bethleni Kormányzati Rendszer Bukása — I. rész.** (págs. 42 e seg.).

da revista compreenda apenas a primeira parte do trabalho, já se pode notar com segurança que o modelo é o **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**, de Marx. O historiador húngaro apresenta, não sem certa acuidade, as composições de forças políticas e suas equívalentes sociais ou, em outros termos, as forças políticas como emanações de grupos sociais, no período já referido, ou seja, na Hungria de entre guerras. O autor mostra a precariedade do equilíbrio conseguido pelo governo Bethlen nas suas relações com os vários grupos econômicos e sociais e, após a montagem do esquema, a ação do grupo facista de Gömbös o qual, com o aguçamento da crise nos diversos níveis, alcança o poder. É curioso o método de Márkus no tocante à seleção de documentos. Ao lado duma utilização muito inteligente de periódicos, negligencia uma fonte documental riquíssima para o estudo da política da época, ou seja, os documentos “secretos” de Horthy, recentemente publicados em Budapeste (5).

O terceiro artigo, de autoria de **Nina Mickun**, trata da Mesta no século XVIII (6). A posição da autora face o problema é, em princípio, contrária à de Klein, para quem a organização apresentou um caráter progressista. Segundo Mickun, a Mesta foi um organismo extremamente prejudicial à economia espanhola, visto que seu progresso esteve intimamente ligado a um processo de expropriação do campesinato espanhol. A análise desenvolvida conta com apoio de farta documentação. O espírito polêmico está sempre presente, mesmo quando se trata de citações ou transcrições de documentos.

“Na medida em que se despovoá o Reino cresce o número de mendigos, de desocupados, de vagabundos... pois não há trabalho”...

diz o corregedor de Badajoz (pg. 100) e a autora pergunta se Klein viu e se viu porque não utilizou a documentação por ela compulsada. A parte final do artigo é essencialmente crítica, não mais em termos de crítica historiográfica mas sim, alcançando as raízes do problema ou seja, justificando o erro pelos limites de percepção demarcados pela situação de classe do historiador norte-americano. As observações, se levarmos em conta a posição de Croce face o papel da exigência da vida prática na elaboração da obra historiográfica, são procedentes. Mas temos que convir que as críticas da autora a Klein não são de inspiração croceana, o que, de resto, não invalida sua posição.

Dentre as comunicações há que destacar, em princípio, duas. A de **M. Troján** (7) a propósito das lutas dos trabalhadores do condado de Bereg no período 1918-1919, e o de **A. Markó** (8) a respeito da documentação relativa à capitulação de Lőcse a 14 de fevereiro

(5). — **Horthy Miklós Titkos Iratai**. Budapeste, Kossuth, 1962.

(6). — **A Mesta a XVIII Században** (págs. 74 e seg.).

(7). — **Bereg Vármegye Dolgozóinak Harca a Tanács hatalomért az 1918-1919 években** (págs. 107 e seg.).

(8). — **Adalékok Lőcse Kapitulációjának Történetéhez** (págs. 176 e seg.).

de 1710. O trabalho de Troján revela uma atitude mental inadequada ao trabalho historiográfico: dogmatismo de inspiração oficial. E não somente o tratamento do tema revela essa atitude como também o aspecto formal se vê prejudicado por uma terminologia que ultrapassa o jornalístico e atinge os limites do mau gosto. Dois exemplos ilustram bem o acima referido. Na página 116 diz o autor que

“o governo latifundiário-burguês húngaro não foi capaz de deter a luta revolucionária de libertação dos trabalhadores, na sua batalha pela união com seus irmãos do outro lado dos Cárpatos”.

Mais adiante, outra tirada engenhosa:

“A vitória da Revolução de Outubro — disse N. S. Kruchev — provocou uma imensa onda revolucionária-libertadora, a qual per corre todo o mundo” (pág. 117).

Ora, o uso do lugar comum oficial, por limitar a possibilidade de análise irrestrita em qualquer ramo das ciências humanas, deve permanecer estranho ao trabalho científico. A confiança do leitor se vê diminuída com o surgimento de passagens do nível das referidas fazendo com que a expectativa se torne antecipação duma conclusão ditada pela historiografia oficial. Vejamos, senão, o último parágrafo do comunicado, na íntegra:

“Em 1944 os trabalhadores do Transcárpatos e, conjuntamente, os de Bereg, foram libertados pelo heróico Exército Soviético. O Transcárpatos Soviético floresce no seio do Estado Soviético da Ucrânia e da União Soviética. Realizaram-se aqueles ideais pelos quais os trabalhadores derramaram seu sangue nas lutas de 1918-1919 (pág. 153).

E' conclusivo. Estatísticas, mau gosto e esquemas pré-elaborados não compõe trabalho historiográfico.

A comunicação de A. Markó foge completamente ao quadro acima traçado. Sem pretensões de análise, transcreve, após breve introdução, o texto integral de documentos relativos a um episódio de história militar: a capitulação duma cidade durante uma guerra revolucionária (9). Nada de novo, já se vê. Mas a introdução dá margem ao autor para considerações a propósito da estruturação da sociedade urbana na Hungria de principios do século XVIII, e da ação da situação de classe dos diversos elementos implicados na trama político-militar sobre a tomada de posição desses mesmos elementos face o evento. O grosso da introdução, porém, diz respeito à situação do acontecimento numa conjuntura mais ampla e à crítica valorativa dos documentos apresentados. Não há concessões formais sequer na última parte da introdução que é a crítica à historiografia relativa ao período e acontecimento em especial.

(9). — Trata-se da guerra revolucionária de Ferenc Rákóczy II contra o absolutismo habsburgo. O movimento foi derrotado em 1711, após uma década de lutas.

As breves considerações feitas permitem, se não uma apresentação das correntes tôdas da historiografia húngara de momento, pelo menos a caracterização de algumas posições nitidamente diferenciadas e definidas. A primeira, aquela representada por M. Troján e sua comunicação, ou seja, a historiografia oficial. A segunda, que é representada neste número do *Szazadok* pelo trabalho de Márkus, e que, juntamente com o de Mérei, representa a tentativa de análise marxista em termos lukacsianos. A idéia de duas culturas sob sua faceta polêmica ou seja, o diálogo crítico com a historiografia burguesa, representada por Nina Mickun, dá a tonalidade à terceira corrente enquanto a última passível de delimitação dentro dos limites estreitos de uma única revista, é a erudita, a qual, sem desprezar a análise de conjunto, utiliza a crítica formal tal qual é utilizada entre nós.

ISTVÁN JANCÓS

*
* * *

L'HISTOIRE ET SES MÉTHODES: recherche, conservation et critique des témoignages; sous la direction de Charles Samaran. Bruges, Gallimard, 1961. 1774 pp. in-8 (Encyclopédie de la Pléiade, v. XI).

Obra que procura dizer o que é essencial à História, como deve ser compreendida à luz da cultura e dos conhecimentos atuais. Frisa a noção de ciclos e de lugar, para a exata compreensão da função da História, dando-lhe os métodos de pesquisa do testemunho, elemento fundamental, mostrando o vivo entrelaçamento das ciências sociais à História para a sua perfeita compreensão, apreciações e reconstrução. Insiste na feição atual da coletividade histórica. Como interesse central da obra vem exposição prática da metodologia, aplicada aos diferentes domínios da ciência dos documentos testemunhadores, inclusive nos vários terrenos auxiliares da história, bem como dando a técnica de exploração dos diferentes tipos de documentos e de sua respectiva crítica, abrangendo tipos e técnicas até às mais atuais, partindo da informação à sua divulgação, historicamente.

A cada capítulo da obra, assinados todos por autoridades do assunto, é acrescentada a devida bibliografia. Faz extensas considerações sobre museus, arquivos e bibliotecas, dando-lhes a função a serviço da cultura e da administração, quanto aos arquivos. Finalizam a obra quadros sinóticos de éras, calendários, e sincrônico dos testemunhos escritos e outros disponíveis, de fatos e civilizações, técnicas e ciências, ao lado da conservação e apresentação dos mesmos testemunhos históricos. Seguem-se muito bem elaborados índices onomástico, analítico, de ilustrações, e geral.

GUIOMAR CARVALHO FRANCO

*